



O QUE É SER

HOMEM? ?



Autores:

**Bruna Mirelle da Cunha Silva
Eduarda Couto Garrido Fonseca
Emília Bezerra de Miranda**

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

- Produção da capa e projeto gráfico: Aline Cunha
- Diagramação: Aline Cunha
- Ilustrações e imagens: IStock
- Adaptado por: Aline Cunha
- Autores do conteúdo: Bruna Mirelle da Cunha Silva e Eduarda Couto Garrido Fonseca
- Edição: Aline Cunha
- Revisão: Emilia Bezerra de Miranda

— 02

Ficha Catalográfica

Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

S237q Silva, Bruna Mirelle da Cunha

O que é ser homem? / Bruna Mirelle da Cunha Silva, Eduarda Couto Garrido Fonseca, Emilia Bezerra de Miranda. – Recife: Do Autor, 2021.
34 f.:il.

Material educativo – Faculdade Pernambucana de Saúde, 2021.
ISBN: 978-65-87018-91-1

1. Gênero. 2. Masculinidade. 3. Adolescentes. I. Silva, Bruna Mirelle da Cunha. II. Título.

CDU 159.9

SUMÁRIO

1. Ficha técnica	4
2. Apresentação	5
3. Desenvolvimento	
3.1 Antes de tudo, o que é gênero?	7
3.2 O que é masculinidade?	8
3.3 Quais as características da masculinidade?	10
3.4 Como essas questões afetam o adolescente?	11
3.5 E o adolescente infrator?	12
3.6 Por que a formação de dinâmicas grupais?	13
4. Sugestões de Dinâmicas	
4.1 Dinâmica 1	15, 16, 17 e 18
4.2 Dinâmica 2	19, 20, 21 e 22
4.3 Dinâmica 3	23, 24, 25
4.4 Dinâmica 4	26, 27, 28
4.5 Dinâmica 5	30, 31
5. Conclusão	32

Ficha técnica:



Este material foi produzido como parte dos requisitos para o trabalho de conclusão do curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Bruna Mirelle da Cunha Silva, estudante de psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Telefone: (81) 9.9615-6466

E-mail: brunamcunhas@gmail.com

Eduarda Couto Garrido Fonseca, estudante de psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde.

Telefone: (81) 9.9436-6933

E-mail: dudaa.couto@hotmail.com

Orientadora: Emília Bezerra de Miranda, pesquisadora e tutora de psicologia

Telefone: (81) 9.9113-1071

E-mail: emiliamiranda@fps.edu.br



APRESENTAÇÃO

Este guia educativo é produto de um Trabalho de Conclusão de Curso referente à graduação em Psicologia pela Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS, voltado para profissionais do sistema socioeducativo com o objetivo de servir de base no processo de reflexão sobre padrões estereotipados de masculinidade em adolescentes em conflito com a lei.

Entende-se que os assuntos trabalhados aqui são de extrema importância para reflexão e discussão das temáticas apresentadas, destinando-se a qualquer faixa etária, gênero, formação educacional, não se restringindo a adolescentes em conflito com a lei, muitas vezes vistos como “problema” por uma parte da sociedade, mesmo que esse seja o foco dessa produção.

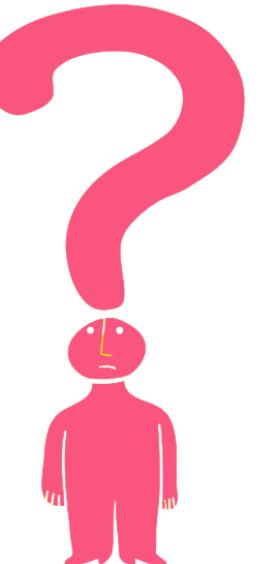


APRESENTAÇÃO

Utilizando, de forma parcial, o Modelo de Design Instrucional – ADDIE (FILATRO, 2004), as etapas de realização do presente guia envolveram: Análise, voltada para o entendimento das necessidades e definição de conteúdos; Desenho, onde foram definidos os objetivos e planejamento da elaboração do material; Desenvolvimento, referindo à produção teórica do artigo (TCC) e do guia propriamente dito. As duas últimas etapas do ADDIE (2004) que consistem na Implementação e Avaliação, não se aplicam, visto que se trata de uma pesquisa e produto teórico.

Dessa forma, problematizando a ideia de masculinidade, discorrendo sobre seus efeitos negativos nos sujeitos e nos meios sociais, o guia perpassa por assuntos como sexualidade, saúde e suas esferas, até dinâmicas para se trabalhar a discussão e reflexão acerca do tema:

**AFINAL,
O QUE É SER
HOMEM?**



ANTES DE TUDO, O QUE É GÊNERO?



O conceito de gênero é visto como uma categoria que analisa as relações sociais de poder entre o masculino e o feminino, o que leva a uma diferenciação dos papéis sociais e desigualdades entre homens e mulheres não tendo como base as diferenças anatômicas dos corpos (FAUSTINO, 2019). Mas, aprender a ser homem e ser mulher abarca histórias, experiências e subjetividades que nunca são formadas sozinhas. Ou seja, há influência dos meios social, cultural, racial e geracional na construção da identidade de gênero.

Dessa forma, entende-se gênero como uma construção social e cultural, de ordem subjetiva, pois ela pode ser reforçada ou não por diferentes contextos no qual o sujeito está inserido, bem como pelas instituições, como família, igreja e escola, para dar exemplos (BUTLER, 2019). Partindo desses pressupostos, é visto socialmente que o gênero masculino, historicamente, tem como sua característica principal a masculinidade julgada como o símbolo de sua virilidade.

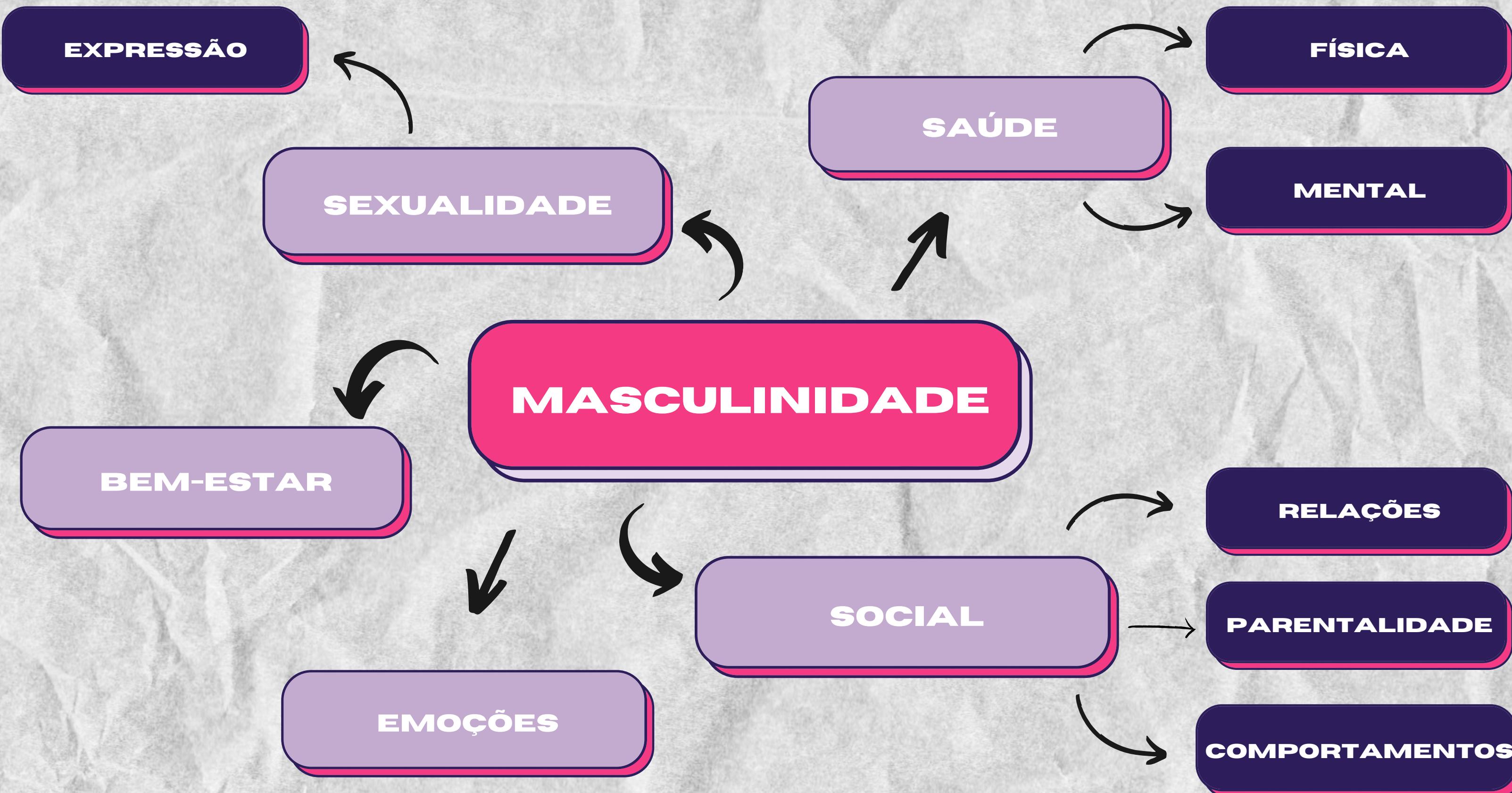
O QUE É MASCULINIDADE?

Assim como o conceito de gênero, a masculinidade é construída social e historicamente nas relações estabelecidas pelos indivíduos em seus diferentes meios sociais. A masculinidade é algo que vem sendo atrelado aos modelos conservadores do que é ser homem. Espera-se que esse seja viril, machista, que se prove constantemente por meio de comportamentos agressivos ou de risco em seu cotidiano, além de apresentar, muitas vezes, distância emocional em seus atos (GUERRA et al, 2015).

Esse conjunto de modelos comportamentais tem, muitas vezes, resultados que afetam a vida desses homens de maneira negativa, visto que os mesmos podem desenvolver posturas danosas a si e aos outros, como, por exemplo, a negligência com a própria saúde e comportamentos abusivos em um relacionamento (SEPARAVICH; CANESQUI, 2013).



SOBRE QUAIS ÁREAS A MASCULINIDADE ATUA OU INFLUENCIA?



QUAIS ASCARACTERÍSTICAS DA MASCULINIDADE?

Dentro desses modelos de masculinidade há os que encontram maior legitimidade social (VASCONCELOS et al, 2016), de forma a torná-los referências para as construções de comportamentos, atitudes e valores.

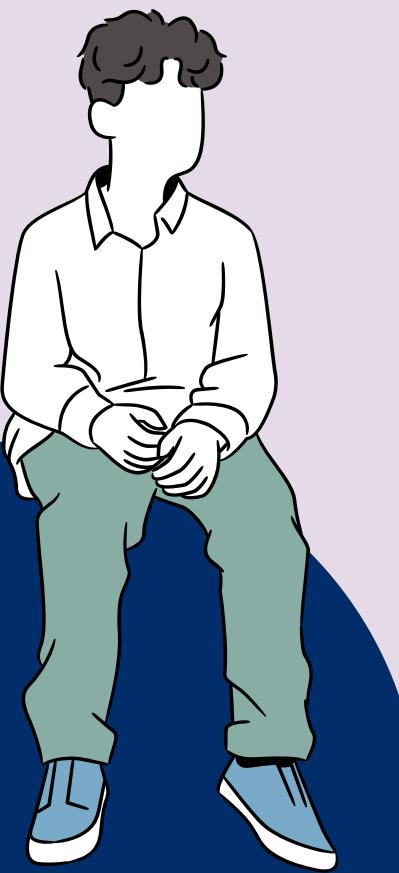
Na cultura e sociedade brasileira, por exemplo, as principais características podem ser divididas em dois modelos: aqueles que se baseiam no antagonismo à figura da mulher, como a proibição do homem chorar e não poder demonstrar seus sentimentos; e nos discursos que sustentam um ideal de universo masculino, como a noção de coragem, força, virilidade, provedor da família e a heterossexualidade (VASCONCELOS et al, 2016).

COMO ESSAS QUESTÕES AFETAM O ADOLESCENTE?

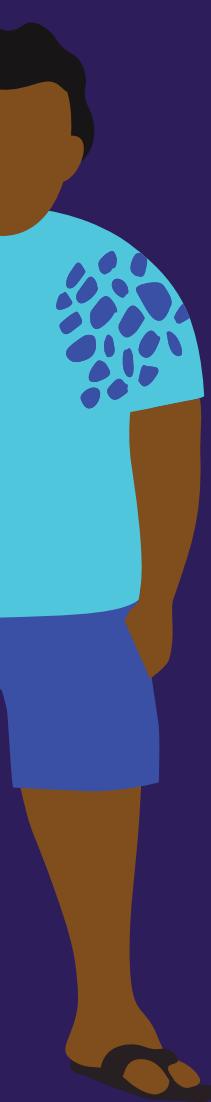
A adolescência além de ser um momento de transição na vida do sujeito é, também, uma fase de descobertas e, acima de tudo, busca por sua identidade. Tudo é novo! Seu corpo passa por mudanças, novas responsabilidades são atribuídas a ele, novos estranhamentos e maneiras de se relacionar, novas formas do mundo o enxergar e se colocar para ele. E é aí que se pode falar sobre masculinidade, pois ela vai estar ligada a uma série de simbolismos que vão impor a esse adolescente a reprodução de padrões e papéis já estabelecidos na esfera social e cultural (VASCONCELOS et al, 2016).

Obviamente que o entendimento dessas questões, bem como as relações de gênero, não é alcançado de forma igual para todos (BUTLER, 2019). Os contextos nos quais os adolescentes estão inseridos são diferentes e suas vivências e experiências divergem. Então, como esperar que todos construam suas compreensões da mesma forma?

Contudo, é preciso entender que as dinâmicas sociais e as concepções no modelo de ser homem vão impactá-los de maneira significativa nos mais diversos contextos de suas vidas, seja em seu modo de vivenciar a sexualidade ou cuidar da saúde (GOMES, 2011). Por isso a importância de se falar sobre isso!



E O ADOLESCENTE INFRATOR?



Mesmo estando, em tese, privado temporariamente desse contato com a sociedade, a masculinidade opera sobre o cotidiano do adolescente em conflito com a lei. Isso porque as problemáticas existentes no tecido social, ou seja, “do lado de fora”, muitas vezes, também estão presentes dentro de uma unidade de internação. Um exemplo clássico é a necessidade de demonstrações de força e poder constantes, tanto no que parte dos adolescentes, quanto dos agentes socioeducativos e equipe, de forma que é defendida a ideia de que é preciso ser firme para ser respeitado; reivindicar e provar de seu poder para reafirmar sua posição naquele cenário (OLIVEIRA, 2001).

A masculinidade, assim como outras formas de relações e opressões sociais, se mostram como dispositivos de controle e segurança, influenciando na dinâmica institucional e na subjetividade desses adolescentes (FOUCAULT, 1993).

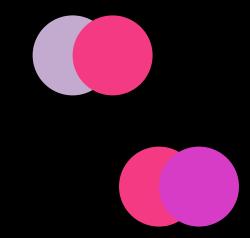
POR QUE A FORMAÇÃO DE DINÂMICAS GRUPAIS?

O trabalho com adolescentes não se mostra algo fácil. A própria característica da adolescência como uma fase de descobertas e busca de autonomia comprova isso (VOLPI, 2011). Contudo, algumas estratégias podem ser tomadas para facilitar essas intervenções e, dentre elas, selecionamos a formação de grupos, tanto operativos, com execução de alguma tarefa, quanto informativos.

Isso porque, em grupo, o acesso ao adolescente é facilitado, pois aquele espaço se mostra como um lugar de troca mais horizontal, apresentando uma maior reflexão e identificação com as situações vivenciadas por outros ali. Ou seja, a partir do momento em que ele percebe que um de seus pares passou pela mesma experiência que a sua, a tendência é que o adolescente se abra e troque vivências (SANTOS, 2015).

Além disso, por se tratar de uma população homogênea, isto é, idades, gênero, contextos sociais e histórias de vida similares, mas não iguais, o processo grupal pode auxiliar também, nas questões referentes à aprendizagem de princípios básicos como a cooperação e respeito aos direitos individuais e coletivos (OLIVEIRA, 2001).

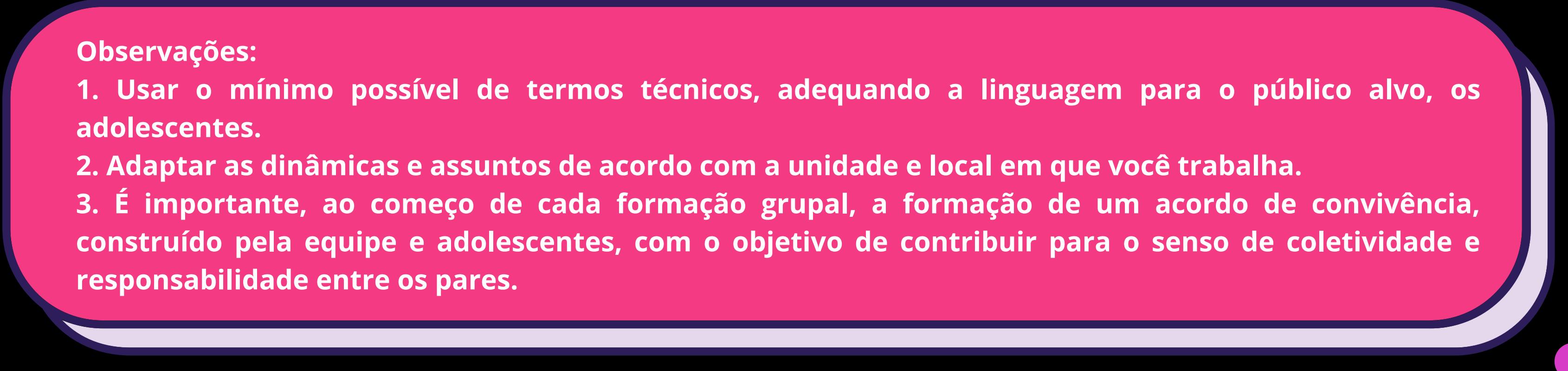




SUGESTÕES DE DINÂMICAS

A partir desse tópico, apresentaremos algumas dinâmicas que podem ser usadas durante o trabalho com grupos de adolescentes ao se tratar de temas voltados para o debate acerca da masculinidade e seus impactos nessa população, além de referências que ajudem no embasamento de tais questões.

Dessa forma, sugere-se que, antes mesmo do início da condução dos grupos, sejam realizados encontros preparatórios com a equipe, a fim de facilitar a apropriação dos conteúdos que irão ser trabalhados, preparando-os e habilitando-os para sua aplicação.



Observações:

1. Usar o mínimo possível de termos técnicos, adequando a linguagem para o público alvo, os adolescentes.
2. Adaptar as dinâmicas e assuntos de acordo com a unidade e local em que você trabalha.
3. É importante, ao começo de cada formação grupal, a formação de um acordo de convivência, construído pela equipe e adolescentes, com o objetivo de contribuir para o senso de coletividade e responsabilidade entre os pares.

DINÂMICA 1: CONHEÇA E ENTENDA SEU CORPO!

Temática: Saúde física e bem estar.

Duração: 20 a 30 minutos.

Objetivo:

Compreender o conceito de saúde física como algo muito além do teor estético, abarcando questões relacionadas a doenças sexualmente transmissíveis (ISTs) e contribuindo para o aumento do conhecimento dos adolescentes sobre o funcionamento de seu próprio corpo, além de incentivar, com o jogo, a coletividade.

Justificativa:

O corpo humano traz marcas, simbolismos, histórias e um organismo que mesmo que seja parecido para todos, contém um funcionamento próprio. Para alguns um medicamento funciona, para outros, não. A saúde é um tópico amplo e abarca muitos aspectos da vida humana e nem todos têm recurso para se cuidar, seja por falta de informações ou questões financeiras. Quando se trata da saúde do homem, a vivência de uma masculinidade afeta o autocuidado. O homem tem que seguir um ideal de que ele é estável, forte e imutável, pois é uma espécie de *modus operandi* da masculinidade que a sociedade define, orientando certo agir sexual/social dos indivíduos; o que acaba influenciando o desenvolvimento de quadros mais ou menos graves nos índices de morte por doenças específicas na população masculina.

Sugestão para maior entendimento por parte dos adolescentes e recursos necessários:

Relacionar o órgão apontado como foco à patologia em questão, por exemplo: realizar conexões entre o coração e doenças cardíacas, como pressão alta.

Para as discussões acerca desse tema, recomenda-se estar presente alguma representação do corpo humano pois, dessa forma, o recurso visual auxilia no debate sobre órgãos e doenças de forma geral, dando-se destaque às que mais acometem os homens, como câncer de próstata. Após essa discussão, torna-se possível afunilar para as doenças mais comuns identificadas dentro da unidade, além de frisar a importância do autocuidado. É fundamental que o adolescente se sinta seguro para procurar ajuda!

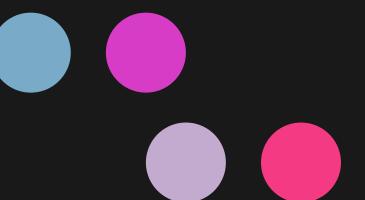
Sem julgamentos e sem preconceitos. O incentivo ao cuidado com a saúde é importante nessa fase de desenvolvimento.

Desse modo, os materiais necessários para realização da atividade são, além do recurso visual, bexigas. Recomenda-se, também, que essa segunda fase seja realizada em um espaço em que eles possam se movimentar e circular como forma de incentivar atividade física e os (re)tirar da ociosidade. Assim, os adolescentes devem ser separados em grupos, escolhendo um nome que os represente e formando filas separadas, lado a lado. De frente a eles, a distância, ficarão duas pessoas da equipe técnica segurando os balões cheios de ar, o adolescente assim que o estourar, responde à pergunta e ganha um ponto.

Ao final da dinâmica seria interessante recompensá-los (lanche, doces, etc) como forma de reforço positivo.

Possíveis perguntas simples e respostas simples:

- Para que serve o coração? Para bombear sangue para o nosso corpo, nos deixando vivos.
- Quais os sintomas do câncer de próstata? Dor no quadril, vontade de fazer xixi o tempo todo à noite, sangue na urina etc.
- Qual a importância de se manter saudável? Para viver uma vida melhor, sem complicações no corpo, podendo, também, realizar as atividades de preferência.
- Qual a importância de procurar ajuda quando sentir algo diferente no corpo? Para ajudar a prevenção de doenças ou do agravo das mesmas.





Algumas referências sugeridas sobre o tema:

COUTINHO, M. P. L. et al. A relação entre masculinidade e câncer de próstata: uma revisão sistemática. *Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB*, n. 43, p. 11-22, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/2278>.

GOMES, R. (Org). *Saúde do homem em debate*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

MACHIN, R. et al. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 11, p. 4503-4512, 2011. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2011.v16n11/4503-4512/#ModalArticles>.

RANGEL, E. M. et al. “PORQUE EU SOU É HOMEM!”: uma análise dos impactos da construção social da masculinidade no cuidado com a saúde. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, Aracaju, v.6, n.2. p. 243-252, 2017. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/4517/2454>

DINÂMICA 2: APRENDENDO A REDUZIR DANOS

Temática: Redução de danos.

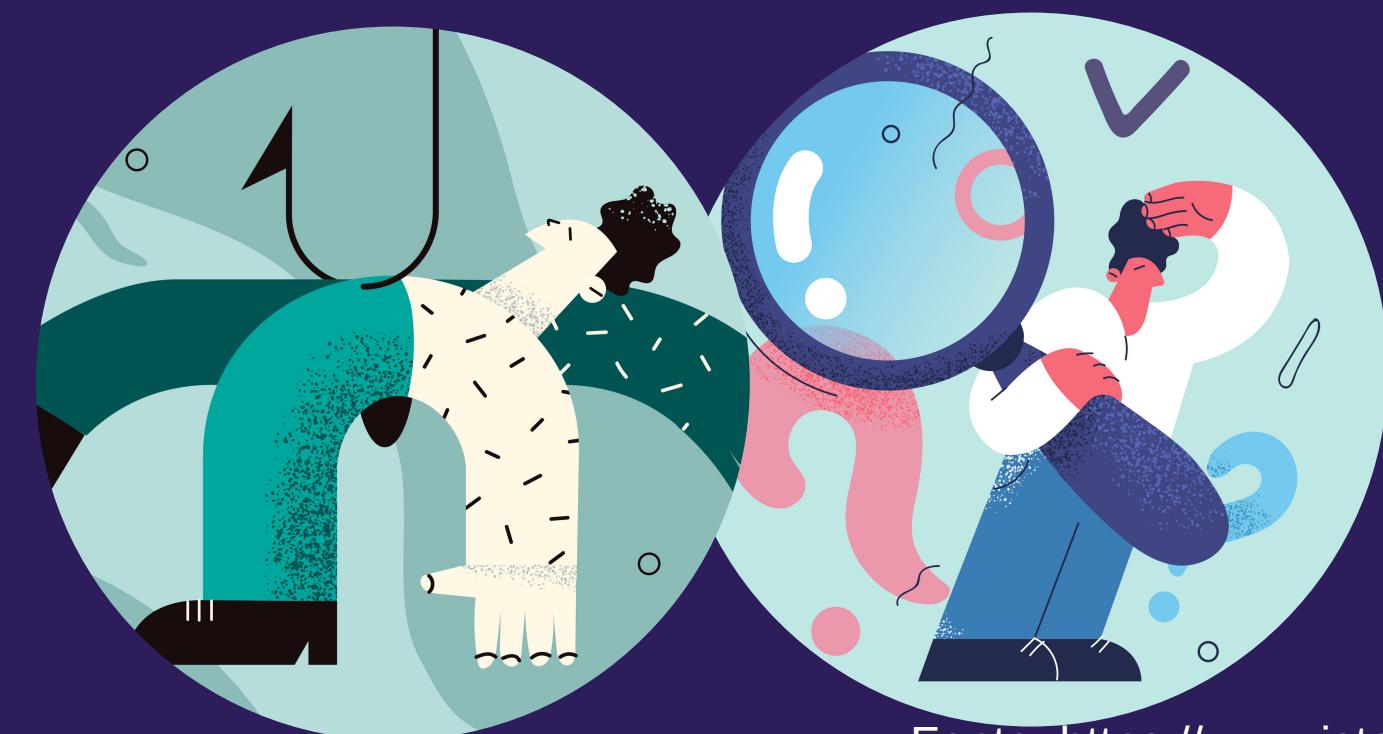
Duração: 20 a 30 minutos.

Objetivo:

- Estimular o senso crítico acerca das noções do que são drogas e quais os efeitos dela sobre o organismo.
- Compreender o conceito e contexto da redução de danos, debatendo sobre o uso de drogas, desde os fatores que influenciam adolescentes a fazer o uso até possíveis impactos de tal prática na vida dos mesmos.

Justificativa:

É sabido que a masculinidade opera em diferentes cenários na adolescência e, entre eles, está uma possível naturalização e/ou excesso da experimentação e do uso de álcool e outras drogas, bem como uma utilização que põe em risco a vida do usuário, visto que o mesmo precisa se provar como um ideal de “macho” no meio em que está inserido.



Sugestão para maior entendimento por parte dos adolescentes e recursos necessários:

Utilizar termos conhecidos pelos mesmos, convidando-os a compartilhar suas próprias visões e experiências com as substâncias. Além disso, os facilitadores também podem participar ativamente da atividade, na tentativa de auxiliar na cooperação e desmistificar a imagem da equipe como autoridades alheias aquele ambiente. E é fundamental que a equipe não se coloque num lugar de “moralização” ou condenação do uso de drogas e sim estarem atentos a como essa questão se coloca em nossa cultura.

Para realização da atividade, são necessários alguns materiais, tais como folhas de papel A4 em branco, lápis e canetas e uma cartolina. Além disso, por se tratar de um trabalho manual, é preciso que, no local, tenha a disponibilidade de, ao menos, uma mesa com cadeiras que acomodem a todos.

Por se tratar de um grupo homogêneo, propõe-se a elaboração de dinâmica onde os participantes são divididos em trios, sendo demandado deles que conversem, entre si, sobre seus gostos pessoais e suas experiências, bem como a anotação ou representação (caso algum membro não saiba escrever) das drogas conhecidas por eles, perguntando, inclusive, quais os nomes que eles usam para algum tipo de droga.

Ao final, esses pontos serão apresentados e discutidos pelo grande grupo, a fim de puxar reflexões acerca da cooperação, respeito e importância de desmistificar alguns estereótipos, como os que atingem a equipe.

Possíveis perguntas disparadoras



- Quais diferenças e semelhanças foram encontradas durante as trocas do grupo?
- Como vocês enxergam essas diferenças ou semelhanças?
- Como vocês entendem o uso de drogas dentro de uma comunidade?
- Ao fazerem uso, vocês dividiam com alguém os instrumentos (seringa, cigarro, etc)?
- Para vocês, existe alguma diferença no uso e na forma dele entre homens e mulheres?
- O uso de drogas, para vocês, representa o que? O que vocês relacionam a isso ou a falta disso?

Algumas referências sugeridas sobre o tema:

LOPEZ, S. B.; MOREIRA, M. C. N. Políticas Nacionais de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens e à Saúde do Homem: interlocuções políticas e masculinidade. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 18, p. 743-752, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300020&lng=en&nrm=iso.

MENDOZA, A. O uso de álcool na adolescência, uma expressão da masculinidade. Dissertação (Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-28042005-094435/publico/DO-Mendoza_A_Z.pdf.

MORAES, M. Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral à saúde. Instituto PAPAI: Recife, 2011.

N
L



DINÂMICA 3: TROCA DE PAPÉIS

Temática: Gênero e masculinidade.

Formato: Inversão de papéis (Psicodrama).

Objetivo:

- Compreender as problemáticas acerca do debate de gênero, sexualidade e a masculinidade, tais como a violência de gênero, por meio da dinâmica de 'Inversão de Papéis', visando promover a quebra de estigmas e assim oportunizar um maior bem-estar no cotidiano das relações interpessoais dos adolescentes.
- Refletir e auxiliar na compreensão do conceito de gênero com os adolescentes e, com essa experiência, promover o combate à violência e desigualdades de gênero existentes nas relações interpessoais vivenciadas junto ao CASE e, possivelmente, fora dele.

Justificativa

É necessário construir um diálogo a respeito das questões que perpassam a temática de gênero, sexualidade e masculinidade, a fim de promover a quebra de estigmas e, dessa forma, oportunizar a reflexão sobre as formas de relações estabelecidas socialmente e individualmente por esses adolescentes e os impactos das mesmas em suas vidas. Além disso, ajuda a compreender como algumas práticas expõem os sujeitos a situações de vulnerabilidade.

Sugestão para maior entendimento por parte dos adolescentes e recursos necessários:

É importante a equipe, antes mesmo de iniciar as encenações entre os adolescentes, exemplificar alguma situação, tornando visível aos mesmos como a atividade deve ser conduzida quando chegar a vez deles.

A atividade será realizada em um encontro, consistindo na elaboração e apresentação, pelos participantes, de cenas cotidianas refletindo sobre os estereótipos de gênero e suas implicações, baseando-se na dinâmica psicodramática de 'inversão de papéis'. Os recursos necessários se limitam ao espaço físico e cadeiras.

Tempo a ser utilizado:

Estima-se um tempo total de 30 minutos, onde a apresentação/introdução da atividade deve durar, em média, 3 minutos; a divisão dos trios, 2 minutos; a decisão das encenações, 5 minutos; as encenações em si, tomando maior parte do tempo, precisando ser definido a duração de cada trio, não devendo essa fase ultrapassar, no total, 10 minutos; e, por fim, o debate em cima da atividade, focando nas encenações e base teórica, 5 a 10 minutos.

Possíveis situações a serem encenadas:

- Homem abordando uma mulher que passa na rua, enquanto outro observa.
- Uma mulher é xingada numa rua com muitas testemunhas em volta.
- Briga entre marido e mulher.
- Polícia chegando na casa de casal e se recusando a prestar a queixa de violência.

Perguntas disparadoras:

- Quais sensações essas situações trouxeram para vocês?
- Se estivesse no lugar de algum deles, o que você faria de diferente ou igual?
- Você já observou alguma dessas situações acontecendo na vida real? Como se comportou naquele momento?

Algumas referências sugeridas sobre o tema:

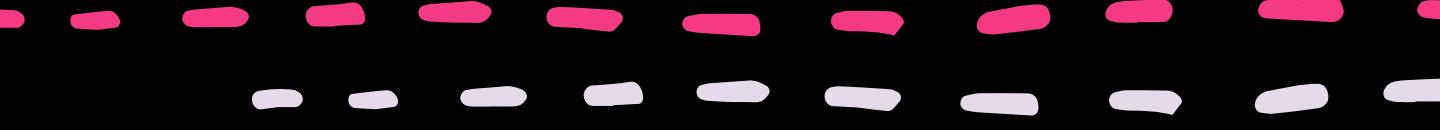
FAUSTINO, S. R. O. Navegar nas águas da socioeducação: um aprofundamento sobre gênero, sexualidades e masculinidades. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2019.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Graal: Rio de Janeiro, 1993.

SANTOS, M. A. et al. Grupo operativo com adolescentes em um núcleo da assistência social: a questão da identidade de gênero. *Vínculo*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 51-58, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902015000100008&lng=pt&nrm=iso.

SILVA, A. K. L. S. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. *Rev. NUFEN*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 12-25, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100003&lng=pt&nrm=iso

DINÂMICA 4: O TABULEIRO VIVO



Justificativa

Temática: Sexualidade e saúde.

Duração: 20 a 30 minutos.

Objetivo

Fixação das discussões atreladas a sexualidade, ISTs, prevenção de doenças e gravidez, sexo, orientação sexual e dúvidas que os adolescentes possam vir a ter.

A sexualidade é um grande aspecto da vida humana, engloba relações, atrações e vivências. É importante conversar com adolescentes sobre essa questão, pois estão em fase de desenvolvimento e independente da vida sexual ter iniciado, o jovem pode ter dúvidas, receios, medos. Relacionando com a masculinidade, conversar sobre sexualidade ajuda a quebrar tabus acerca da orientação sexual do próximo e até a própria, além da diminuição de falas e atitudes preconceituosas, a conscientização sobre ISTs e da prevenção da gravidez. Além de incentivar ao adolescente do gênero masculino a procurar ajuda tanto para tirar dúvidas, quanto para melhorar sua saúde no que diz respeito a prevenção e promoção, já que é comum homens não procurarem ajuda por ser “coisa de gente fraca”, sempre se agarrando a uma imagem de virilidade inabalável.



Estratégias e recursos necessários:

É preciso a elaboração de um jogo de tabuleiro em tamanho real, além da criação de um dado grande, com 30 centímetros e até o número seis. Alguns materiais como cartolina ou papel A4 colorido serão necessários para serem feitas as casas do tabuleiro e recortes de papéis para colar em cima da cartolina com as informações.

Além disso, para a realização desse jogo, é preciso um local espaçoso para que os adolescentes possam se locomover.



ÍNICO

VAMOS FALAR SOBRE
SEXUALIDADE E
SAÚDE?

VOCÊ QUER INICIAR SUA VIDA
SEXUAL DA FORMA MAIS SEGURA
POSSÍVEL, PARA ISSO,
PROCUROU TIRAR DÚVIDAS E
PEDIR AJUDA A EQUIPE TÉCNICA.
VOCÊ ESTÁ COMEÇANDO BEM!
AVANCE UMA CASA.

ANTES DE INICIAR SUA VIDA
SEXUAL VOCÊ PROCUROU A
EQUIPE PARA PEDIR CAMISINHAS
E GEL LUBRIFICANTE.
PARABÉNS, VOCÊ QUER FAZER
SEXO SEGURO! AVANCE 2 CASAS

RODADA DE PERGUNTA!
QUAIS OS RISCOS DE FAZER
SEXO SEM PROTEÇÃO?

“DESCOBRI QUE TENHO UMA
IST, ENTÃO, AVISEI A PESSOA
COM QUEM ME RELACIONO,
PARA ELA BUSCAR
TRATAMENTO TAMBÉM”
PARABÉNS! AVANCE 3 CASAS

Os adolescentes ficam nesse espaço e sorteiam o dado
para ver a ordem de quem vai primeiro, caso não haja
um consenso dos jogadores. Depois inicia o jogo.

PARABÉNS, VOCÊ ENTENDEU
QUE HOMOSSEXUALIDADE,
BISSEXUALIDADE E MUDANÇA
DE GÊNERO NÃO SÃO
ERRADOS! INFORME A TODOS
AO SEU REDOR!
AVANCE 3 CASAS

VOCÊ PAROU DE TIRAR ONDA
SOBRE A SEXUALIDADE DO
SEU/SUA COLEGA E ENTENDEU
QUE ISSO É DIFERENTE DE
PESSOA PARA PESSOA! MUITO
LEGAL! AVANCE 2 CASAS.

PARA CHECAR SE VOCÊ ESTÁ
LIGADO(A) MESMO, O QUE É
ORIENTAÇÃO SEXUAL? É
POSSÍVEL ESCOLHE-LÁ?

“COMECEI A TRANSAR SÓ PRA
AGRADAR A PESSOA QUE ME
RELACIONO, MESMO SEM TER
VONTADE” CUIDADO! NÃO
DEVEMOS ABRIR NOSSO
DIREITO DE ESCOLHA. QUAIS
AS OUTRAS COISAS QUE VOCÊ
ANDA FAZENDO SEM QUERER?
FIQUE UMA RODADA SEM
JOGAR PARA REFLETIR.

VOCÊ SABE QUE DEMONSTRAR
CARINHO POR ALGUÉM NÃO
QUER DIZER QUE VOCÊ QUER
TRANSAR COM ESSA PESSOA.
ABRAÇOS E PALAVRAS
BONITAS SÃO SEMPRE BEM-
VINDOS! AVANCE UMA CASA

AH NÃO, VOCÊ SABE DE TODAS
AS FORMAS DE EVITAR DSTS E
GRAVIDEZ, MAS NÃO AS USA.
POR QUE SERÁ?
VOLTE PRO ÍNICO DO JOGO E
REPENSE AS SUAS ATITUDES E
REFAÇA SEU CAMINHO.

CHEGADA

VOCÊ ENTENDEU SOBRE
ASPECTOS IMPORTANTES DA
SEXUALIDADE!
ESPALHE PARA TODOS,
CONHECIMENTO SEMPRE É BOM!

Algumas referências sugeridas sobre o tema:

BARBOSA, L. U. et al. Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. *Acervo Saúde*, v. 12, n. 4, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2921/1569>.

BOUZAS, I. et al. Orientação dos principais contraceptivos durante a adolescência. *Adolescência & Saúde*, v. 1, n. 2, p. 27-33, 2004. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v1n2a07.pdf>.

COSTA, M. C. O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal de Pediatria*, v. 77, n. 2, p. 217-224, 2001. Disponível em: <http://www.jped.com.br/conteudo/01-77-s217/port.pdf>.

GOMES, R. (Org). *Saúde do homem em debate*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

MARTINS, C. B. G. et al. Sexualidade na adolescência: mitos e tabus. *Ciencia y Enfermaria*, v. 18, n. 3, p. 25-37, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3704/370441811004.pdf>.



DINÂMICA 5: VAMOS TRABALHAR A SAÚDE MENTAL!

Temática: Resgate da subjetividade e saúde mental.

Duração: 20 a 30 minutos.

Objetivo

Compreender a importância da saúde mental na vida dos adolescentes e estimular o sentimento de pertença e perspectiva de futuro nos mesmos.

Justificativa

Esse tema é necessário e talvez o mais complicado de conversar. É de extrema importância que os profissionais que forem realizar esses grupos estejam preparados mentalmente e teoricamente para o debate.

A atividade surge como uma forma deles resgatarem sua identidade e seus sonhos que foram perdidos com a internação. É inevitável que o assunto vá ficar incômodo e inquietante, por isso, é fundamental o manejo para guiar a conversa para algo que seja, no final, positivo. É preciso pensar na reinserção social do adolescente, visto que a internação o isola e o exclui da sociedade. Vale ressaltar que, provavelmente, ele sente-se desvalorizado e inferiorizado devido à posição em que se encontra. A masculinidade pode vir como fator de risco nessa situação, já que é comum esperar que o homem honre sua virilidade e seja rival do próximo, então, toda a pressão em "ser homem de verdade" prejudica mais ainda a visão que o adolescente tem de si, muitas vezes se recluindo e se recusando a falar com alguém sobre essas questões relacionadas à saúde mental.

Estratégias e recursos necessários

Para essa dinâmica, é preciso papéis, lápis coloridos e um local onde os adolescentes possam escrever ou desenhar algo como resposta para a pergunta: “Se eu não fosse quem sou hoje, quem eu gostaria de ser?”, fazendo com que eles venham a refletir sobre seus planos do passado e do futuro. Após eles terem respondido no papel, outra pergunta pode ser feita: “O que te impede de ser quem você deseja?”.

É, também, importante usar imagens de homens jovens (ou não) famosos (ou não) jogadores de futebol, cantores/músicos, atores, profissionais de saúde, etc. Sempre mostrando as variadas alternativas de carreiras profissionais. Pode-se utilizar de colagens em cartolinhas para melhor mostrar.

Algumas referências sugeridas sobre o tema

ALBUQUERQUE, F. P. Agravos à saúde mental dos homens envolvidos em situações de violência. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-03092012-100819/en.php>.

GOMES, R. (Org). Saúde do homem em debate. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

ROCHA, L. B. A influência das relações familiares no comportamento infrator de adolescentes. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Escola de Direito e Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/187>.

SANTOS, M. C. A saúde mental de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto: abordagens das equipes técnicas. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215609>.

SCHREINER, G. A construção cultural dos papéis sociais: Adolescência, masculinidade e conflito com a lei. Apostila do Curso de Trabalho Social com Adolescentes e suas Famílias em Conflito com a Lei da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim do guia, mas não no fim da discussão sobre masculinidade! Esse tópico deve ser falado sempre que possível para auxiliar os adolescentes na construção de sua identidade.

Retomem os assuntos com eles, verifiquem se eles entenderam tudo que foi trazido à tona. Repitam a atividade se for necessário, repitam a explicação, ajude-os a esclarecer dúvidas, pode ser uma experiência rica tanto para eles quanto para as equipes. Destaca-se aqui, também, a importância da escuta desses adolescentes! Afinal, as dinâmicas são apenas recursos para a fala e reflexão! Além disso é interessante ressaltar que eles podem procurar espaços individuais na instituição, caso queiram falar mais sobre os assuntos tratados nas oficinas!

**Mas e afinal, o que é ser homem?
Boa sorte!**



REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FAUSTINO, S. R. O. Navegar nas águas da socioeducação: um aprofundamento sobre gênero, sexualidades e masculinidades. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2019.
- FILATRO, A. Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia. São Paulo: SENAC, 2004.
- GUERRA, V.M. et al. Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. *Psicologia e Saber Social*, Espírito Santo, v. 4, n. 1, p. 72-88, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psisabersocial/article/view/14840/12963>.
- SANTOS, M. A. et al. Grupo operativo com adolescentes em um núcleo da assistência social: a questão da identidade de gênero. *Vínculo*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 51-58, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902015000100008&lng=pt&nrm=iso.
- SEPARAVICH, V. M.; CANESQUI, A. M. Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. *Saúde Soc.*, São Paulo, v.22, n.2, p.415-428, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902013000200013&script=sci_abstract&tlang=pt.
- VASCONCELOS A.C.S et al. 'Eu virei homem!': a construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva. *Saúde Soc.*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 186-197, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-129020160001001865.
- OLIVEIRA, CS. Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2001.
- VOLPI, M. O adolescente e o ato infracional. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.